



EDGARD VIEIRA

Fundador do Bairro Boa Esperança

EDGARD VIEIRA
Founder of the Boa Esperança
neighborhood

Ednar Vieira Diniz

Edgard Vieira, um mestre de obras que, em 1941, veio para Cuiabá, com a construtora Pedrneiras. Gostou tanto da cidade que preferiu deixar a firma e permanecer aqui, tornando-se um “pau rodado” cjeio de amor pela capital eterna de Mato Grosso. Ele era um

Carioca de coração cuiabano.

Lutou muito, desbravou o sertão mato-grossense construindo pontes e, assim, levando o progresso para lugares que, hoje, são cidades.

Tomo a liberdade de transcrever parte de um discurso do Dr. Archimedes Pereira Lima, um grande amigo do meu pai:

Nossas relações anteriores, um tanto frias, meramente formais; só nestes últimos anos, quando precisei da sua colaboração e convoquei-o para nos auxiliar, com sua experiência, na construção de um dos mais arrojados empreendimentos do Estado – A Cervejaria Cuiabana – onde ele, aliás, foi uma peça preciosa, funcionando quer como empreiteiro, quer como participante mesmo da empresa, a cujo Conselho Fiscal pertence até hoje; somente a partir daí comecei verdadeiramente a conhecer Edgard. Nossos contatos eram diários e passei inclusive a frequentar sua casa ampla, acolhedora, sempre aberta a quantos o procuram. E pude, aos poucos, não sendo embora um psicólogo, ir penetrando no íntimo do Edgard, conhecendo a sua alma, os seus sentimentos, a sua capacidade imensa de praticar, sem alardes, a caridade, o seu espírito religioso, a fê, em que somos irmãos e devotos do milagroso São Benedito, o santo da devoção dos pobres, que tem hoje, também como qualquer mortal, a sua casa própria, que não foi doada pelo BNH, mas por Edgard, que construiu, praticamente sozinho, um dos mais belos templos da Capital, num

imenso terreno de sua propriedade, doando-o à Cúria, e lá entronizando, gloriosamente, o milagroso santo da sua e da devoção do povo Cuiabano.

Acho que, com as palavras do Dr. Archimedes, relatei para as pessoas que não o conheceram de perto, um homem aparentemente áspero, que falava alto, até gritando, e que dizia sempre o que pensava, mas estava sempre pronto para ajudar a quem precisasse.

A fundação do Bairro Boa Esperança foi um empreendimento, na época, considerado por muitos uma loucura!

Realmente, foi muito penoso, deu muita dor de cabeça, muitos cabelos brancos, muita dificuldade... até financeira! Mas, como ele não desistia, continuou lutando.

No governo do Dr. Fernando Corrêa da Costa, tentou doar 100 lotes para a construção de casas populares. Na época, o Banco Nacional de Habitação – BNH, criado para gerir o FGTS, era dirigido pela Profa. Sandra Cavalcante; seu representante, ou ela própria, esteve em Cuiabá e achou o lote muito grande, onde poderia ser construído não uma, mas duas casas, no que papai não concordou, e o Dr. Fernando, com seu jeito brincalhão, foi logo dizendo que o cuiabano gostava de criar sua galinhazinha para o domingo.

Posteriormente, a Sra. Júlia Torquato, Delegada Regional do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, procurou o papai, Edgard Vieira, e, com muita tenacidade construiu a vila do IPASE, nos 100 lotes da Vila Boa Esperança, como era conhecida, antes do atual Bairro Boa Esperança, doados por Edgard Vieira, um homem de pouca instrução, mas de grande visão; um otimista e realizador. Sonhava alto, imaginava projetos difíceis para a época, porém, dentro da sua força de vontade, contribuiu para o progresso de Cuiabá, construindo três prédios de 10 andares, quando, na pacata Capital, predominavam as casas. Como não podia deixar de ser, denominou-os de Edifício Boa Esperança I, II e III.

Deixou-nos no dia 12 de março de 1985, numa passagem tranquila, reservada para as pessoas boas, como uma dádiva de Deus, segundo dizem os profetas do Povo. Dou graças ao Altíssimo, pois seria muito difícil para ele, agitado como era, conviver com uma doença que o impossibilitasse

das ações. Passou do sono para a morte, dando-nos um grande susto e um pesar muito doloroso, o qual vai se amenizando com o tempo e fica caladinho no íntimo do coração.

[Escrito aos 25/06/2008]

BODAS DE OURO CELITA/AECIM

FIFTIETH ANNIVERSARY
CELITA/AECIM
Nilza Queiroz Freire

Sempre foi muito difícil a vida a dois... Cada um vem de uma procedência, de uma educação, de valor filosófico diferente, entre outras divergências.

Em Mato Grosso – pelo isolamento em que vivemos por 200 anos, aproximadamente –, os casamentos se realizavam entre mato-grossenses.

Daqui poucos saíam para procurar costumes novos; de lá, raramente, chegavam costumes diferentes. Resultado: cultura singular, única!

Quando alguém da minha família falava em namorado, minha avó paterna, Romana – dona saudade! – numa linguagem bem cuiabana, perguntava: Gente de quem ele é? Nessa pergunta estava: quem é sua mãe, sem pai, avô e até bisavô... Sim, porque a pessoa, geralmente, é fruto do meio, com raríssimas exceções.

Entre os muçulmanos, o tio Áli, da novela O Clone (em reprise) já dizia: no casamento há de ser considerado o costume..., o costume, frisava em alto e bom som!

Com o casal Celita/Aecim, antes do namoro, já existia o conhecimento entre as famílias; daí porque verificou-se pouca diferença no dia-a-dia da nova família que construíram há 50 anos!

A madrasta do Prof. Aecim – Dona Alina do Nascimento Tocantins – fazia muito gosto pelo casamento e quem quiser conferir o que estou escrevendo procure ler o livro recentemente lançado na Academia Mato-Grossense de Letras, intitulado Professora Alina: uma educadora além do seu tempo, cuja obra poderá ser encontrada na cita Casa de

Letras.

Para o casal festejar suas Bodas de Ouro, naturalmente recebeu um dos dons do Espírito Santo – a Sabedoria. Não se trata de escolaridade formal, a cultura que bem de fora para dentro, penetra pelos olhos e ouvidos e pode fixar-se ou não em nosso cérebro.

A Sabedoria é diferente, nasce dentro de nós e se exterioriza; surge no âmago (coração) e só pode ser adquirida pela meditação.

Mário Luís e Maria Alice são os filhos do casal; foram criados com muito amor, dentro dos princípios morais, religiosos, éticos e patrióticos. Ele, formado em odontologia; ela, em Economia. A família de origem está aumentando, com a chegada da nora e genro.

- de Mário Luís/Flávia, vieram os netos Guilherme e Gustavo;

- de Maria Alice/Wilson, os gêmeos Aramis e Dante.

Os festejado casal Celita/Aecim já comemorou muitas Bodas, como veremos a seguir:

-05 anos – madeira

-10 anos – estanho

-15 anos – cristal

-20 anos – porcelana

-25 anos – prata

-30 anos – pérola

-40 anos – esmeralda

-45 anos – rubi

No dia 23 de janeiro último (2011), o casal festejou suas Bodas de Ouro, pelos 50 anos de feliz união conjugal, ao lado de familiares e amigos que, ao longo do tempo, puderam privar-se da sua convivência e consideração.

O banquete de confraternização foi servido no Hotel Fazenda Mato Grosso, onde compareceram pessoas de todas as idades, num ambiente agradabilíssimo, ao meio de flores, música, comida, bebida, doces de primeira qualidade.

Anotei presenças que se deslocaram de muitos quilômetros, para trazer seus abraços de amizade, senão vejamos:

- Afrânio Corrêa, de Salvador-BA

- Luiz Alves Corrêa e esposa, do Rio de Janeiro-RJ

- as irmãs Nogueira, também da Cidade Maravilhosa

- D. Lourdes Fragelli, viúva do ex-governador de Mato Grosso José

Fragelli, procedente de Aquidauana-MS

- Édicis Tocantins, de São Paulo-SP

- Ronaldo Fontes (cardiologista), esposa e filha, de São Paulo-SP

- Hélio Cabral e esposa, de Goiânia-GO

- Odorico e Celma, de Brasília-DF

Nossos acadêmicos não deixaram de passar a data em banco, destacando-se dois poemas, de Moisés Mendes Martins Júnior, Cadeira 8, lida por Maria Alice, filha do casal homenageado; e de Tertuliano Amarilha, Cadeira 23, lida pelo próprio acadêmico.

Conheci o Prof. Aecim na Escola Técnica de Comércio de Cuiabá, na década de 50; ele lecionava Contabilidade Bancária, com muita competência e de forma clara para atingir o aluno; depois, na mesma Escola, foi Diretor do estabelecimento de ensino, o primeiro com aulas noturnas!

Na época, a energia elétrica era precária e quando, em plena aula, apagava a luz, corríamos para o Jardim Alencastro – para umas voltinhas e paqueras -, uma vez que nossa Escola funcionava no prédio do Palácio da Instrução, no coração da cidade.

O Prof. Aecim, como Diretor, mandou equipar a sala com lampião a gás e, na falta de energia elétrica, os lampiões garantiam a continuidade das aulas, porque, para o Diretor, o ensino estava em primeiro lugar.

Com isso, os nossos namorados tinham que esperar o término das aulas...

O conhecimento com o Prof. Aecim, há 60 anos, aproximadamente, se firmou como amizade, porque ele se casou com a nossa amiga Celita, moça muito distinta, do bairro Mundéo, nossa conterrânea, juntamente com a irmã Carmem.

Por esse convívio pudemos participar das Bodas de Ouro do casal, festa raríssima, quer pelo tempo de vida de cada cônjuge, ou pelo modernismo do divórcio.

A comemoração foi muito bem organizada e funcionou como um relógio da mais alta precisão; daqui desta coluna, parabenizamos o casal pela bênção recebida do Altíssimo e agradecemos o convite por momentos tão bem vividos!